



**24° ENANCIB**  
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação  
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação  
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



**XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB**

**ISSN 2177-3688**

**GT 6 – Formação, Educação e Trabalho**

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DO DISCURSO DE ÓDIO ENCOBERTO**

***INFORMATION LITERACY EDUCATION IN THE CONTEXT OF COVERT HATE SPEECH***

**Djuli Machado de Lucca** – Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)  
**Elizete Vieira Vitorino** – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Investigação que tem como temática central o discurso de ódio encoberto e o desenvolvimento da competência em informação nesse contexto. Objetiva elencar estratégias para o desenvolvimento da competência em informação sob o foco do discurso de ódio encoberto, com base nos conceitos-chave do Framework for information Literacy. Para tal, propõe a) identificar, com base na literatura, o conceito, as características, o *modus operandi* e os grupos mais suscetíveis ao discurso de ódio encoberto; e b) estabelecer associações entre os conceitos-chave do Framework for Information Literacy e os elementos do discurso de ódio encoberto. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e bibliográfica/documental, cuja análise de dados utiliza-se da técnica da Análise de Conteúdo. Identifica que as manifestações de discurso de ódio encoberto operam primordialmente no nível ilocucionário e perlocucionário - nem sempre têm caráter odioso e violento, mas incitam ao ódio e violência ao operarem por meio de interpretação maldosa de achados científicos, informações distorcidas, teorias da conspiração ou hiperbolização e desproporcionalização de fatos. O desenvolvimento da competência em informação nesse cenário inclui reconhecer os níveis de autoridade e o contexto em que a autoridade foi construída, as disparidades no acesso à informação por alguns grupos em detrimento de outros e, inclusive, a representação que algumas minorias possuem nos canais de informação e comunicação. Por fim, salienta o apoio de profissionais da informação no processo como essencial para a condução de estratégias.

**Palavras-chave:** Discurso de ódio encoberto; Educação para a informação; Competência em informação; Framework for Information Literacy.

**Abstract:** Research that has as its central theme covert hate speech and the development of information literacy in this context. It aims to list strategies for developing information literacy under the focus of covert hate speech, based on the key concepts of the Framework for information Literacy. To this end, it proposes a) identifying, based on literature, the concept, characteristics, *modus operandi* and groups most susceptible to covert hate speech; and b) establish associations between the key concepts of the Framework for Information Literacy and the elements of covert hate speech. This is a qualitative, descriptive and bibliographic/documentary research, whose data analysis uses the Content Analysis technique. Identifies that manifestations of covert hate speech operate primarily at the illocutionary and perlocutionary level - they are not always hateful and violent in nature, but incite

hatred and violence by operating through malicious interpretation of scientific findings, distorted information, conspiracy theories or hyperbolization and disproportionation of facts. The development of information literacy in this scenario includes recognizing the levels of authority and the context in which the authority was constructed, the disparities in access to information by some groups to the detriment of others, and even the representation that some minorities have in information channels. information and communication. Finally, it identifies the support of information professionals as fundamental in the process.

**Keywords:** Covert hate speech; Information Literacy education; Information Literacy; Framework for Information Literacy.

## **1 INTRODUÇÃO**

A popularização da comunicação digital, descrita na literatura como uma ‘revolução’ (Wessels, 2016), possibilitou a ocorrência de diversos fenômenos sociais que ainda estão sendo compreendidos, tanto no campo científico quanto no campo social. A expectativa de formação de uma sociedade pluralista, cujas interações - supostamente possibilitadas por Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) - seriam capazes de fortalecer a participação política e, conseqüentemente, as instituições democráticas, deu lugar a um cenário de fragmentação social: as interações sociais na web, agora mediadas por algoritmos, acabam por conectar os iguais e desconectar os desiguais, causando efeitos similares descritos como bolhas-filtro e câmaras de eco (Bruns, 2019).

A despeito da particularidade de cada fenômeno, bolhas-filtro e câmaras de eco favorecem o surgimento de comunidades que defendem ideologias contrafactuais e apresentam intolerância a grupos sociais minoritários (Bruns, 2019). Isso abrange desde teóricos da conspiração até grupos extremistas que propagam misoginia, racismo, homofobia e intolerância religiosa (Bruns, 2019). Inclui, ainda, o discurso de ódio e as suas nuances.

Discurso de ódio encoberto é uma forma de discurso de ódio, este definido como um conjunto de expressões que buscam “[...] malignizar um indivíduo por suas características imutáveis, como raça, etnia, nacionalidade, religião, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, idade ou deficiência” (Carlson, 2021, p. 3, tradução nossa). No caso do discurso de ódio encoberto, esse é caracterizado pelo seu significado implícito em estratégias discursivas indiretas (Baider, 2022) que, por conta de a intenção não estar totalmente esclarecida, pode inibir mecanismos de reação por parte dos alvos, o que leva à perpetuação de sistemas de

opressão e decadência social (Silva; Carvalho, 2023). Assim, seu potencial nocivo é ainda maior, especialmente para as pessoas potencialmente vulneráveis.

Sendo a Ciência da Informação uma Ciência Social Aplicada, é interesse e responsabilidade da área a exploração de fenômenos dessa natureza, que devem ser focados, conforme o propósito desta ciência, a partir da lente do comportamento da informação, seus fluxos e meios para processamento, visando a disponibilidade e uso pelas pessoas (Borko, 1968). No âmbito da Ciência da Informação, podemos explorar o discurso de ódio a partir de diferentes perspectivas, seja sob o ponto de vista da organização da informação, dos regimes de informação ou pela lente da educação para a informação, que inclui a competência em informação.

Ao considerarmos que o discurso de ódio encoberto é um dos fenômenos em que se expressa a vulnerabilidade em informação de alguns grupos sociais, a via da educação para a informação, já elencada por Vitorino (2018) como uma estratégia de transição da vulnerabilidade para a inclusão social e cidadania, é uma via de exploração oportuna. Inclusive, na página da Organização das Nações Unidas (ONU) na internet (UN, 2024), dentre as ações elencadas para o combate ao discurso de ódio, estão as iniciativas relacionadas a *Media and Information Literacy*, que, para o português, pode ser traduzida como ‘competência midiática e informacional’.

Na Ciência da Informação, concebemos a educação para a informação a partir da perspectiva da competência em informação, que se trata de um conjunto de habilidades, conhecimentos, atitudes e valores relacionados aos processos que compõem nossas experiências informacionais para a construção de conhecimento, em direção ao empoderamento, à prosperidade e à liberdade (IFLA, 2005). Há, em nível internacional, um marco de referência utilizado para o desenvolvimento de estratégias neste âmbito, que pode ser aplicado em diferentes situações de informação. Denomina-se *Framework for Information Literacy for Higher Education*, e está amparado em conceitos-chave, que partem do pressuposto de que conteúdos de informação são construídos e contextuais, nos quais podem estar imbricadas relações de poder e privilégio (Swanson, 2014; Harker, 2016), além de armadilhas.

O objetivo da pesquisa é elencar estratégias para o desenvolvimento da competência em informação sob o foco do discurso de ódio encoberto, com base nos conceitos-chave do *Framework for information Literacy*. Para tal, são propostos os seguintes objetivos específicos:

a) identificar, com base na literatura, o conceito, as características, o *modus operandi* e os grupos mais suscetíveis ao discurso de ódio encoberto; e b) estabelecer associações entre os conceitos-chave do *Framework for Information Literacy* e os elementos do discurso de ódio encoberto.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica foi conduzida para atender o objetivo específico a), cujos resultados foram construídos a partir da análise de conteúdo (Bardin, 1977) de um *corpus* de investigações selecionadas por meio de levantamento bibliográfico nas bases de dados *Web of Science* e *Scopus*, além do metabuscador *Google Scholar*, a partir de estratégia de busca que contempla as seguintes expressões: “*covert hatred*”, “*covert hate speech*”, “*soft hate speech*” nos idiomas português, inglês, francês e espanhol, em todos os campos e sem delimitação de período de tempo. A busca ocorreu entre maio e junho de 2024. As publicações consideradas úteis para compor o *corpus* de investigações foram aquelas cujo retorno foi positivo à seguinte pergunta norteadora (etapa do processo da análise de conteúdo): esse documento trata do conceito, características, *modus operandi* ou grupos mais suscetíveis ao discurso de ódio encoberto? A Tabela 1 apresenta os resultados da etapa bibliográfica.

**Tabela 1** – Resultados do levantamento bibliográfico

BASE DE DADOS	ESTRATÉGIA	RESULTADOS	RESULTADOS ÚTEIS
Google Scholar	“ <i>covert hate speech</i> ”	225	9
	“ <i>soft hate speech</i> ”	80	6
Web of Science	“ <i>covert hate speech</i> ”	8	4
	“ <i>soft hate speech</i> ”	0	0
Scopus	“ <i>covert hate speech</i> ”	12	3
	“ <i>soft hate speech</i> ”	2	2

Fonte: Dados obtidos na pesquisa (2024).

A pesquisa documental foi conduzida a partir da mesma técnica - a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) - do documento *Framework for Information Literacy*, da *Association of College and Research Libraries*. Trata-se de um dos documentos norteadores para as ações de competência em informação, especialmente no cenário norte-americano. No caso do *Framework*, foram captados elementos capazes de atender a pergunta norteadora: esse elemento constitui-se como uma estratégia informacional no contexto do discurso de ódio encoberto, na ocasião em que contempla algum aspecto da autoridade da informação, do seu contexto de criação, da sua natureza ou do seu canal de comunicação? Os resultados derivados dessa interpretação estão apresentados na seção 4 e incorporados também na seção 5, assim como as interpretações resultantes da etapa da pesquisa bibliográfica estão arroladas na seção 3.

### **3 DISCURSO DE ÓDIO ENCOBERTO: CONCEITO, CARACTERÍSTICAS, *MODUS OPERANDI* E GRUPOS POTENCIALMENTE PREDISPOSTOS**

Para o atendimento do objetivo específico a), que compreende elencar, com base na literatura, o conceito, as características, o *modus operandi* e os grupos mais suscetíveis ao discurso de ódio encoberto, foram úteis publicações das áreas de comunicação, direito, antropologia e campos interdisciplinares, que são neste texto apresentadas e interpretadas conforme a abordagem temática a qual se propõem realizar.

Discurso de ódio engloba dois termos que, por si só, já possuem definições distintas. Nesse contexto em específico, discurso é compreendido como um conjunto de expressões não somente verbais, mas que podem ser declaradas em formas de símbolos, gestos ou imagens (Carlson, 2021) e que são proferidas publicamente (Waldron, 2012). Por sua vez, ódio é designado como insulto, intimidação ou vilipêndio à reputação e dignidade de uma pessoa (Waldron, 2012) a partir de ataques e incitação à violência (Carlson, 2021), em razão das suas características imutáveis (Carlson, 2021) ou do seu pertencimento a um grupo social específico (Waldron, 2012).

Com relação aos agentes e seus propósitos, discurso de ódio consiste no emprego dessas expressões por certos indivíduos ou grupos, que as usam para atacar outras identidades, com o intuito de buscar reafirmar a sua própria percepção de posição de dominância e solidificando seus sentimentos de pertencimento a um grupo social específico

(Carlson, 2021). Dessa forma, é configurado como misoginia, racismo, intolerância religiosa, homofobia, xenofobia ou outras tipificações, a depender dos alvos alcançados.

Heinze (2016) insiste no caráter político e social que está por trás das motivações do discurso de ódio. Waldron (2012) estabelece que seu propósito final é deslegitimação e, em casos extremos, a eliminação de um grupo social que, para os agentes de discurso de ódio, não são dignos de participarem do espaço social. Dessa forma, o discurso de ódio é, por si próprio, resultado da desestabilização de uma sociedade dita 'justa' e democrática, e seu efeito é a intensificação dessa desordem. Assim, caracteriza-se como um ataque aos direitos humanos e à justiça social.

Os alvos de discurso de ódio são "minorias vulneráveis" (Waldron, 2012, p. 48), isto é, grupos vulneráveis e minorias sociais, que, na sociedade capitalista globalizada, trata-se de grupos de pessoas expostos à exclusão social: não possuem voz ativa na sociedade, possuem predisposição à violência e ao dano, vivem em situação de risco e encontram dificuldades para exercer a cidadania, no que concerne aos direitos enquanto sujeito participante de uma comunidade. Dentre os grupos sociais predispostos, estão as mulheres e população LGBTQIAP+, grupos religiosos, étnicos e raciais específicos e pessoas em situação de insegurança, como os imigrantes (Waldron, 2012; Baider, 2019).

As consequências do discurso de ódio para as vítimas podem ser experienciadas em curto e longo prazo. Carlson (2021) ao se referir aos resultados de pesquisa de Leets (2002), indica que, apesar de ser uma tarefa difícil capturar danos psicológicos, efeitos de discurso de ódio em curto prazo incluem sentimentos de culpa, constrangimento, humilhação, ansiedade, intimidação, ira, frustração e medo. Em longo prazo, há a ansiedade contínua e depressão. Em termos sociais, o sentimento de inferioridade enquanto grupo social diminui a participação política e predispõe silenciamento, enquanto indivíduo e enquanto grupo social (Carlson, 2021).

Com relação aos diversos efeitos que o discurso de ódio suscita, Carlson (2021) resgata a pirâmide do ódio, criada pela organização Anti-Defamation League (2018), que estabelece os diversos níveis do discurso de ódio, compreendendo com um *continuum*. Na base, discurso de ódio inicia com medo/aversão às diferenças e estereotipização, progride a partir de piadas preconceituosas, bullying, microagressões e ridicularização e, no seu topo, está o ataque deliberado visando a aniquilação de grupos sociais.

Baider (2022) estabelece algumas características necessárias para que alguma expressão seja caracterizada como discurso de ódio. Para caracterizar um discurso de ódio, é preciso que o conjunto de expressões tenha a intenção de incitar as pessoas ao comportamento preconceituoso, hostil, odioso ou violento; e deve ser direcionada para o grupo social ao qual o alvo pertence. E, considerando as diversas manifestações que podem assumir, emergem três níveis (ou forças) do discurso de ódio, elencados por Langton (2018): nível locucionário, nível ilocucionário e nível perlocucionário. O primeiro deles diz respeito à declaração explícita daquilo que significa - ou seja, a mensagem de ódio está claramente exposta; o segundo está relacionado à intenção do orador de promover ódio, ou seja, diz respeito mais ao propósito do que à mensagem, e o terceiro - nível perlocucionário - corresponde ao potencial efeito da mensagem - nesse caso, seu potencial de promover uma mudança de comportamento - nesse caso, ao comportamento preconceituoso, odioso ou violento, que é um dos elementos caracterizadores do discurso de ódio, conforme Baider (2022).

É no sentido dos níveis ilocucionário e perlocucionário que emerge a noção de discurso de ódio encoberto, que no inglês pode ser designado *soft hate speech* ou *covert hate speech*. Baider (2022) afirma que há mensagens aparentemente inocentes no nível locucionário, pois não incitam, explicitamente, ao comportamento odioso e violento. No entanto, elas possuem, de forma implícita, a intenção de promover discriminação a grupos-alvo e possuem potencialmente o mesmo efeito (Baider, 2022).

Nesse sentido, Baider e Constantinou (2019, p. 1, tradução nossa) definem discurso de ódio encoberto como “[...] qualquer manifestação discursiva ou semiótica que possa, implícita ou ocultamente, incitar ao ódio, à violência e/ou à exclusão de outros”. Inclui, ainda, “[...] a mobilização de mitos, do já dito, ou do pré-construído, mas perpetua, constrói ou reforça estereótipos e preconceitos” (Baider; Constantinou, 2019, p. 1, tradução nossa), constituindo-se, grosso modo, como uma expressão do discurso de ódio. Baider (2019, 2022) expõe que o sarcasmo, ironia e o humor são as formas mais comuns de proferir discurso de ódio. Metáforas e neologismos, expressões que buscam significar exatamente o oposto do que está expresso na mensagem, além de imagens estereotipadas ou representações negativas também podem ser manifestadas por aqueles que externam discurso de ódio encoberto.

O ambiente de manifestação e propagação de discurso de ódio encoberto é majoritariamente a partir das mídias sociais (Baider, 2019, 2022; Parvaresh, 2023). A razão da

existência desse tipo de expressão não é clara, porém Parvaresh (2023) e Baider (2019, 2022) salientam que, por serem revelados por meio de termos aparentemente inocentes, podem escapar da sua responsabilização legal e passarem despercebidos pelos instrumentos de regulação de discurso de ódio operados pelas empresas de mídias sociais. Além disso, gera o efeito de incitação ao comportamento odioso e violento sem o ônus da exposição do agente à possível repressão (Baider, 2019).

Em relação aos públicos-alvo potencialmente predispostos ao discurso de ódio encoberto, o levantamento bibliográfico retornou pesquisas conduzidas majoritariamente no contexto das mídias sociais. Lorenzi-Bailly e Guellouz (2019) conduziram pesquisa sobre discurso de ódio encoberto de origem homofóbica no X (Twitter) a partir de um grupo específico de *tweets*. Identificaram humor e ironia presentes, além de expressões pejorativas e estereotipadas. Conforme os dados apresentados na pesquisa, as características do discurso de ódio encoberto contra homossexuais: 1) mascara-se por meio de discursos aparentemente científicos que associam homossexualidade com pedofilia e tratam a condição como uma doença que deve ser erradicada; 2) assume expressões que designam a homossexualidade ou o seu apoio como uma característica das pessoas ignorantes.

Baider (2019) investigou comentários postados em artigos públicos relacionados à temática de imigração e homossexualidade em uma plataforma de mídia social no Chipre. Identificou que, no caso dos imigrantes, discurso de ódio encoberto foi expressado a partir do estabelecimento, nos comentários, de uma possível relação entre a imigração, desvio criminoso e comportamento promíscuo. Também foram identificadas insinuações de que imigrantes possam ter doenças contagiosas, manifestadas a partir da menção, nos comentários, da necessidade de serem realizados exames médicos nesses grupos. No caso dos comentários relacionados à temática da homossexualidade, o discurso de ódio operou ao interrelacioná-la ao desvio moral, além de estabelecer conexões entre a homossexualidade e doença, pedofilia e injustiça social, essa última revelada na ocasião que as pessoas mencionaram, nos comentários, que homossexuais teriam mais direitos que os demais cidadãos. Nesse sentido, o discurso de ódio encoberto manifestou-se a partir de estereótipos e associações, estimulando o medo e ódio das pessoas aos alvos.

Baider (2022) buscou analisar as forças ilocucionárias e perlocucionárias de um caso específico de discurso de ódio antissemita julgado pela corte francesa no ano de 2021 e que teve repercussão nacional naquele país. Foi expressado a partir de um cartaz durante uma

manifestação pública contra a vacinação obrigatória para pessoas que quisessem frequentar bares e restaurantes na França. Foram características desse discurso de ódio o uso de teorias conspiratórias para embasar o ódio aos judeus e a negação veemente da agente de ter tido a intenção (força perlocucionária) de propagar ódio. Elencou que, para aquele caso em específico e outros que possam haver, o contexto em que o discurso foi aplicado é fundamental para a identificação de ódio implícito.

Silva e Carvalho (2023) investigaram aspectos de discurso de ódio encoberto a partir de três comunidades minoritárias representativas em Portugal: afrodescendentes, ciganos e pessoas de comunidades LGBTQIAP+. Identificaram que suas manifestações incluem elogios, os quais podem ser estereotipados - mostrando-se depreciativos ao enraizar-se em noções de nacionalidade e raça - ou relacionados a uma possível conformidade com uma certa normatividade social: homem gay que 'parece heterossexual', negro que é 'inteligente demais para um negro' ou mulher cigana 'calma demais para uma cigana'. Outras manifestações incluem humor, por meio de ironia, sarcasmo e sátira, que são igualmente estereotipados, sendo as populações vulneráveis aquelas receptoras do ridículo (Silva; Carvalho, 2023). Concluem que o discurso de ódio encoberto pode ser mais prejudicial do que o explícito, pois inibe os mecanismos de reação por parte dos alvos, o que leva à perpetuação de sistemas de opressão e decadência social.

Parvaresh (2023) investigou discurso de ódio encoberto contra imigrantes afegãos no Irã, manifestados por pessoas em comentários na mídia social Instagram. Identificou que o discurso de ódio encoberto opera a partir de: 1) tratamento do Afeganistão e dos Afegãos em nível de inferioridade, a partir de expressões que designam, por exemplo, surpresa pelo fato de 'até' o Afeganistão ter iniciado a vacinação de Covid-19 anteriormente ao Irã; ou a partir do questionamento da existência de certas agências civis no país, como a própria polícia; ou ao indicar que a principal atividade econômica do país é a produção de ópio; 2) atribuição de culpa aos imigrantes afegãos pela crise habitacional e alegação de que os ganhos de renda dos imigrantes no Irã não deveriam pertencer a eles, mas sim aos iranianos, os 'verdadeiros donos' do dinheiro. Assim, o discurso de ódio encoberto, na pesquisa, evidenciou-se na depreciação de aspectos do estilo de vida dos afegãos e do país como um todo, com o intuito de estigmatizar; além da atribuição de culpa aos afegãos pelos problemas do Irã.

Pesquisas que investigam discurso de ódio encoberto sob o ponto de vista dos emissores também são úteis para identificar seu *modus operandi* e os grupos potencialmente

predispostos. Bhat e Klein (2020) descreveram mensagens contendo discurso de ódio encoberto de natureza supremacista em comunicações via Twitter, por meio do que chamam de *dog whistles*, ou política do apito de cachorro, para o português. Trata-se de mensagens políticas aparentemente inofensivas para a população em geral, mas que carregam um significado específico para um grupo de pessoas. Os autores identificaram discurso de ódio encoberto em imagens, memes, símbolos e linguagem camuflada com o intuito de sinalizar pertencimento ao grupo específico de supremacistas, bem como insultar minorias. A intenção é incorporar a comunidade, insultar grupos subordinados e promover uma ideologia exclusivista.

Bouzereau (2019) investigou o discurso político da Frente Nacional, um partido político francês de espectro ultra-direitista. Identificou discurso de ódio encoberto contra imigrantes, a partir de uma estratégia de segregação: encerra-se a noção de duas comunidades distintas e potencialmente rivais. A estratégia utiliza recursos de linguagem como a adoção da expressão 'imigração-invasão' ou 'imigracionismo' - em vez de imigração - para caracterizar o processo imigratório de estrangeiros para a França, além de associar imigração com ameaça ao povo francês e com maior predisposição à violência e roubo. Por fim, trata-se de discurso que visa impulsionar a xenofobia e insultar os grupos imigrantes, ao associá-los com a criminalidade.

É possível compreender que as manifestações de discurso de ódio operam primordialmente no nível ilocucionário e perlocucionário. Todos esses elementos possuem, em comum, sua natureza informacional.

#### **4 A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E O *FRAMEWORK FOR INFORMATION LITERACY***

O movimento da competência em informação é tradicional no cenário da Biblioteconomia norte-americana e, inclusive, mundial. Mencionado pela primeira vez em 1974, acumula, neste ano de 2024, cinquenta anos de pesquisas e práticas. No Brasil, as pesquisas sobre a temática começaram a aparecer na literatura científica no início da década de 2000, e hoje acumulam duas décadas de histórias em pesquisas e práticas, tanto científicas quanto profissionais.

O *Framework for Information Literacy for Higher Education* é um documento publicado em 2016 pela *Association of College and Research Libraries* (ACRL, 2016), uma associação vinculada à *American Library Association* (ALA). Esse documento é resultado de uma nova

compreensão sobre a competência em informação e sua posição no ecossistema informacional contemporâneo, que vem mudando drasticamente na medida em que as mídias ocupam posição central nas experiências informacionais construídas pelas pessoas.

Dentre os princípios elencados no Framework, os especialistas que conceberam o documento manifestam que as pessoas “[...] têm um grande papel e responsabilidade na construção de novos conhecimentos, na compreensão dos contornos e da mudança dinâmica do mundo da informação, e no uso da informação e dos dados” (ACRL, 2016, tradução nossa). Na mesma medida, o documento elenca que os bibliotecários também possuem grande responsabilidade em identificar ideias centrais dentro do seu próprio domínio do conhecimento que possam ampliar a aprendizagem dos alunos, na criação de instrumentos e programas para a competência em informação e na colaboração com outros profissionais, como os professores, em direção à educação para a competência em informação (ACRL, 2016).

O documento ainda é a solidificação de uma compreensão da competência em informação como uma estratégia para o empoderamento e a liberdade por meio da informação. Parte de conceitos-chave (*threshold concepts*) dinâmicos: estão fundamentados “[...] num conjunto de conceitos-chave interconectados, com opções flexíveis de implementação, em vez de um conjunto de padrões ou resultados de aprendizagem, ou outra qualquer relação prescritiva de habilidades” (ACRL, 2016, tradução nossa).

São elementos da competência em informação (*threshold concepts*): 1) a autoridade como algo construído e contextual; 2) a criação de informação como um processo; 3) a informação como algo de valor; 4) a pesquisa acadêmica como investigação; 5) a pesquisa acadêmica como uma discussão de ideias; 6) a pesquisa como uma exploração estratégica. Assim, assume-se que a informação é totalmente dependente do seu contexto, e que as necessidades específicas da comunidade interferem na criação, avaliação e definição de níveis de autoridade envolvidos na validação de um conteúdo de informação. Além disso, reconhece-se que conteúdos de informação são construídos e contextuais, e que podem estar imbricadas relações de poder e privilégio (Swanson, 2014; Harker, 2016), além de armadilhas.

O primeiro frame - a autoridade como algo construído e contextual - se refere aos recursos de informação, ou, mais especificamente, à autoridade envolvida: esses recursos “[...] são um reflexo da credibilidade e da expertise dos seus criadores, e são avaliadas com base na informação necessitada e no contexto em que a informação é utilizada [...]” (ACRL,

2016). A autoridade diz respeito à influência exercida e é construída paulatinamente em uma comunidade em um contexto específico. A validade da informação é, muitas vezes, designada a partir dela. Assim, a competência em informação envolve o reconhecimento da autoridade na criação da informação, e leva os sujeitos a tornar-se críticos acerca das origens e do contexto da criação da informação (ACRL, 2016).

O segundo *frame* compreende o processo de criação da informação: parte do pressuposto de que a qualidade da informação está além dos formatos e modos de distribuição. Na verdade, está diretamente relacionada à situação envolvida na ocasião de criar esse recurso, e, dessa forma, os sujeitos são chamados a direcionar a atenção para esse processo. A utilidade da informação também pode ser verificada a partir da compreensão do sujeito acerca dos processos de criação da informação: reconhecer se uma informação atende à necessidade, compreende, nesse sentido, o reconhecimento do processo de criação envolvido (ACRL, 2016).

O terceiro elemento diz respeito ao valor da informação. São várias as dimensões em que é possível reconhecer esse valor: “a informação é um commodity, um elemento para a educação, um meio de influência de uns sobre outros, e, ainda, um meio de o sujeito intermediar-se com o mundo e também compreendê-lo” (ACRL, 2016). Parte da compreensão de que existem interesses socioeconômicos e legais que influenciam na produção e disseminação de informação, e, ainda, que o poder pode ser exercido por meio da informação, de modo a marginalizar certas vozes. Assim, os sujeitos são chamados a buscar compreender como e por quais motivos alguns grupos podem estar sub-representados ou sistematicamente marginalizados dentro dos sistemas que produzem e disseminam informações, e, ainda, reconhecer questões de acesso ou falta de acesso a fontes de informação (ACRL, 2016).

O quarto *frame* relaciona-se à pesquisa acadêmica como investigação. Os especialistas expõem que o processo de investigação é um processo que envolve a tentativa de solucionar um problema ou situação já existente, mas que transcende esse aspecto. Assim, deve possuir o foco em necessidades sociais, pessoais e profissionais. Os sujeitos são chamados, dessa forma, a formular questões congruentes ao *gap* ou problema encontrado, utilizar métodos de pesquisa compatíveis com a informação necessitada, sintetizar e organizar ideias coletadas de diferentes recursos de informação e elaborar novas informações com base nos dados coletados (ACRL, 2016).

O quinto elemento também diz respeito à pesquisa acadêmica, mas desloca o foco para o fato de a pesquisa ser uma construção coletiva. Os especialistas expõem que as ideias ganham forma a partir da discussão e da intermediação de diferentes perspectivas e interpretações, em que o sentido, ou seja, o novo conhecimento, é formulado a partir de uma negociação de significados que é iterativa. Assim, os sujeitos são estimulados a buscar discussões em progresso na pesquisa, bem como contribuir para as conversações em andamento na sua comunidade (ACRL, 2016).

O sexto frame compreende o processo de pesquisa como uma exploração estratégica. É um ato que se inicia com uma questão que origina um processo de busca pela solução dessa questão, que é legitimamente uma necessidade de informação. Envolve investigação, descoberta e serendipidade, sendo o ato de buscar uma experiência complexa e contextualizada que afeta e é afetada pelas dimensões afetiva, cognitiva e social do sujeito que pesquisa (ACRL, 2016).

A partir do *Framework for Information Literacy*, estratégias para o desenvolvimento da competência em informação podem ser elencadas no contexto do discurso de ódio encoberto.

## **5 ESTRATÉGIAS EM COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO SOB O FOCO DO DISCURSO DE ÓDIO ENCOBERTO**

Considerando as construções elencadas na seção 3 sobre o *modus operandi* e as estratégias discursivas e informacionais operadas no contexto do discurso de ódio encoberto, podemos conceber algumas diretrizes que podem servir para subsidiar estratégias para o desenvolvimento da competência em informação a partir do contexto do discurso de ódio encoberto e sob o ponto de vista do *Framework for information literacy*. São elas:

- 1) Pessoas que desenvolvem a competência em informação definem tipos de autoridade, incluindo a posição que o emissor do discurso ocupa na sociedade. Além disso, utilizam ferramentas de investigação e indicadores de autoridade para determinar a credibilidade das fontes (ACRL, 2016), *threshold concept 1*, *knowledge practices 1* e 2). **No contexto do discurso de ódio**, competência em informação envolve reconhecer o contexto em que a autoridade foi construída, a posição do emissor na sociedade e o contexto de criação da informação. Discursos de ódio encoberto podem ser manifestados por figuras públicas influentes, de posições ideológicas específicas. Conhecer o contexto ideológico e político do

emissor do discurso é também uma forma de conhecer aspectos da informação que podem passar despercebidos aos desatentos;

- 2) Pessoas que desenvolvem a competência em informação usam o pensamento crítico que permite avaliar o conteúdo com uma postura cética e com a consciência de seus próprios preconceitos, convicções e visões de mundo (ACRL, 2016), *threshold concept 1, disposition 3*). **No contexto do discurso de ódio encoberto**, desenvolvem a consciência crítica que coloca toda informação em suspensão até que sejam retiradas todas as suas características ideológicas. Reconhecem que mensagens podem estar travestidas de informação e que servem para manter *status quo* de grupos específicos da sociedade. Reconhecem-se sua posição como membro de um grupo social - que pode ou não ser dominante - e possuem a postura ética que lhes permite compreender que conteúdos podem promover visões de mundo potencialmente divergentes;
- 3) Pessoas que buscam desenvolver sua competência em informação compreendem como e por quais motivos algumas pessoas ou grupos podem estar sub-representados ou ser sistematicamente marginalizados dentro dos sistemas que produzem e divulgam informação, além de reconhecerem as questões de acesso ou de falta de acesso às fontes de informação (ACRL, 2016), *threshold concept 3, knowledge practices 4 e 5*). **No contexto do discurso de ódio encoberto**, reconhecem os grupos sociais potencialmente os grupos sociais mais predispostos ao discurso de ódio encoberto: mulheres e pessoas LGBTQIAP+, imigrantes, minorias religiosas, grupos étnicos e raciais. Reconhecem que há disparidades no acesso à informação por esses grupos, além de desinteresse na promoção de experiências informacionais bem-sucedidas para esses grupos. Pessoas competentes em informação valorizam e promovem informações e conhecimentos construídos por grupos marginalizados e promovem o acesso a informação para a redução das iniquidades sociais - que podem ser também informacionais;
- 4) Pessoas que desenvolvem a competência em informação percebem que as fontes de informação variam muito em conteúdos e formatos e possuem relevância e valor variáveis, dependendo do objetivo a que se propõem (ACRL, 2016), *threshold concept 6*). **No contexto do discurso de ódio encoberto**, identificam diferentes

recursos de informação que são criados para propósitos distintos, sendo o humor - por meio de ironia, sarcasmo e sátira - uma manifestação comum em discursos de ódio encoberto. Identificam que imagens, memes, símbolos e linguagem camuflada podem ser utilizadas para sinalizar pertencimento ao grupo específico de supremacistas, bem como insultar minorias e reconhecem que tais mensagens possuem valor e relevância variáveis para a construção da bagagem de conhecimentos;

- 5) Pessoas competentes em informação compreendem que, nos seus processos de criação, as escolhas e propósitos do emissor têm impacto nos objetivos em que o produto de informação será utilizado e na mensagem que transmite (ACRL, 2016), *threshold concept 2*). **No contexto do discurso de ódio encoberto**, as pessoas competentes em informação buscam identificar as forças locucionárias, ilocucionárias e perlocucionárias das mensagens, e reconhecem que há metáforas e neologismos - expressões que buscam significar exatamente o oposto do que está expresso na mensagem - além de imagens estereotipadas ou representações negativas que também podem ser manifestadas por aqueles que praticam discurso de ódio encoberto;
- 6) Pessoas que buscam desenvolver a competência em informação identificam as partes interessadas, como investigadores, organizações, governos e indústrias, que possam produzir informação sobre uma temática e determinam como acessar a essa informação (ACRL, 2016), *threshold concept 6*). **No contexto do discurso de ódio encoberto**, essa identificação envolve o propósito de promoção de ódio e violência a grupos minoritários. Envolve, ainda, o reconhecimento da adoção de 'rótulos' como estratégia de manipulação e de controle da opinião pública;
- 7) Pessoas competentes em informação demonstram humildade intelectual, reconhecendo suas próprias limitações intelectuais e falta de experiência. Procuram a orientação de especialistas, como bibliotecários, investigadores e outros profissionais da área (ACRL, 2016), *thresholds concepts 4 e 6*). **No contexto do discurso de ódio encoberto**, pessoas competentes em informação reconhecem que o apoio profissional é fundamental para a construção de experiências informacionais bem-sucedidas, e lançam mão do apoio de profissionais

especializados para o desenvolvimento do empoderamento, da prosperidade e da liberdade por meio da informação.

Tais diretrizes foram elencadas com base nos achados desta pesquisa em específico, e estão vinculadas ao contexto específico do discurso de ódio encoberto. O desenvolvimento da competência em informação é um movimento mais amplo, inclui o desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores que se revelam nos mais diversos aspectos da vida cotidiana das pessoas, não se restringindo unicamente ao contexto elencado na investigação.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta investigação, foi possível identificar o conceito, as características, o *modus operandi* e as populações mais predispostas ao discurso de ódio encoberto. Foi possível compreender que as manifestações de discurso de ódio encoberto operam primordialmente no nível ilocucionário e perlocucionário - nem sempre têm caráter odioso e violento, mas incitam ao ódio e violência ao operarem por meio de interpretação maldosa de achados científicos, informações distorcidas, teorias da conspiração ou hiperbolização e desproporcionalização de fatos. Todos esses elementos possuem, em comum, sua natureza (des)informacional, sendo a competência em informação oportuna para caminharmos no sentido contrário.

O desenvolvimento da competência em informação nesse cenário inclui reconhecer os níveis de autoridade e o contexto em que a autoridade foi construída, as disparidades no acesso à informação por alguns grupos em detrimento de outros e, inclusive, a representação que algumas minorias possuem nos canais de informação e comunicação. Envolve identificar que diferentes recursos de informação são criados para propósitos distintos, e os recursos mais utilizados para discurso de ódio encoberto.

Acima de tudo, há o reconhecimento da humildade intelectual, que pressupõe a requisição de apoio e orientação de especialistas, como bibliotecários, investigadores e outros profissionais da área, que devem ser centrais no processo de educação para a competência em informação.

## **FINANCIAMENTO DA PESQUISA**

Financiamento: Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico (CNPq) - Edital Universal. Processo: 420036/2023-7.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Framework for Information Literacy for Higher Education**. [S. l.]: ACLR, 2016. Disponível em: [http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/Framework\\_ILHE.pdf](http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/Framework_ILHE.pdf). Acesso em: 11 jul. 2024.
- BAIDER, F. H. Covert hate speech, conspiracy theory and Anti-Semitism: linguistic analysis versus Legal Judgement. **International Journal of Semiotic Law**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 2347-2371, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11196-022-09882-w>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- BAIDER, F. H. Le discours de haine dissimulée: le mépris pour humilier. **Déviance et société**, [S. l.], v. 43, n. 3, p. 359-387, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.3917/ds.433.0359>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- BAIDER, F. H.; CONSTANTINOU, M. Discours de haine dissimulée, discours alternatifs et contre-discours: Définition, pratiques et propositions. **Semen: revue de sémio-linguistique des textes et discours**, [S. l.], v. 47, n. especial, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/semen.12275>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BHAT, P.; KLEIN, O. Covert hate speech: white nationalists and dog whistle communication on Twitter. In: BOUVIER, G.; ROSENBAUN, E. (org.). **Twitter, the public sphere and the caos of online deliberation**. London: Palgrave Macmillan, 2020. p. 151-172. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-41421-4>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/asi.5090190103>. Acesso em: 06 fev. 2025.
- BOUZEREAU, C. Le néologisme lepénien : un marqueur discursif de haine dissimulée?. **Semen: revue de sémio-linguistique des textes et discours**, [S. l.], v. 47, n. especial, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/semen.12448>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- BRUNS, A. **Are filter bubbles real?**. Medford: Polity Press, 2019.
- CARLSON, C. R. **Hate Speech**. Massachusetts: MIT Press, 2021.
- HARKER, Y. S. Legal information for social justice: the new ACRL Framework and Critical Information Literacy. **Legal Information Review**, [S. l.], v. 2, p. 19-60, 2016. Disponível em: <https://heinonline.org/HOL/Page?handle=hein.journals/leinforgv2&id=26&collection=journal&index=>. Acesso em: 11 jul. 2024.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB  
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

HEINZE, E. **Hate speech and democratic citizenship**. London: Oxford University Press, 2016.  
INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA).

**Beacons of the Information Society: The Alexandria Proclamation on Information Literacy and Lifelong Learning**. 2005. Disponível

em: <https://repository.ifla.org/server/api/core/bitstreams/cc8ef793-003f-445b-a662-d0fee57df04c/content>. Acesso em: 06 fev. 2025.

LANGTON, R. The authority of hate speech. *In*: GARDNER, J.; GREEN, L.; LEITER, B. (org.).

**Oxford Studies in Philosophy of Law**. Oxford: Oxford University Press, 2018. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/27719>. Acesso em: 11 jul. 2024.

LORENZI-BAILLY, N.; GUELLOUZ, M. Homophobie et discours de haine dissimulée sur Twitter: celui qui voulait une poupée pour Noël. **Semen: revue de sémio-linguistique des textes et discours**, [S. l.], v. 47, n. especial, p. 1-13, 2019. Disponível em:

<https://doi.org/10.4000/semen.12344>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PAVARESH, V. Covertly communicated hate speech: A corpus-assisted pragmatic study.

**Journal of Pragmatics**, Amsterdam, v. 205, p. 63-77, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/j.pragma.2022.12.009>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SILVA, C.; CARVALHO, P. Quando é que os elogios e o humor podem ser considerados

discurso de ódio? Uma perspectiva dos grupos-alvo em Portugal. **Comunicação e sociedade**, [S. l.], v. 43, p. e023006, 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cs/9276>.

Acesso em: 11 jul. 2024.

SWANSON, T. **Information as a Human Right: A Missing Threshold Concept?**. [S. l.]: Tame

the web (TTW), 2024. Disponível em: <https://tametheweb.com/2014/07/07/information-as-a-human-right-a-missing-threshold-concept-by-ttw-contributor-troy-swanson/>.

Acesso em: 11 jul. 2024.

UNITED NATIONS (UN). **UN actions against hate speech**. [S. l.]: UN, 2024. Disponível em:

<https://www.un.org/en/hate-speech/united-nations-and-hate-speech/further-un-initiatives-to-combat-hate-speech>. Acesso em: 11 jul. 2024.

VITORINO, E. V. A competência em informação e a vulnerabilidade: construindo sentidos à temática da “vulnerabilidade em informação”. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 47, n. 2, p.

71-85, 2018. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br//download/99215>. Acesso em: 11 jul. 2024.

WALDRON, J. **The harm in hate speech**. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

WESSELS, B. **Inside the digital revolution: policing and changing communication with the public**. Londres: Routledge, 2007.